

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VI
II SERIE

5 DE JANEIRO 1921
N.º 115

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

Necessidade de propaganda para desenvolvimento do Turismo

VEZES sem conta, já, temos abordado, em diversos artigos, a necessidade de se atender a uma eficaz propaganda para que o turismo se desenvolva em Portugal. Tem sido, mesmo, esse, um dos assumptos que mais tem prendido a nossa especial atenção, pois que o consideramos de primeira grandeza para o fim que a nossa Revista, dedicada e continuamente, defende. E se bem que, segundo advogámos já anteriormente, a propaganda do nosso Paiz não devia intensificar-se no estrangeirô sem que primeiro tivéssemos posto a «casa em ordem», vemos, infelizmente, que a nossa casa leva muito tempo a arrumar e que, assim, estamos deixando de usufruir os beneficios importantes e apreciaveis que, mesmo em desordem, podemos extrahir d'uma relativa exploração da industria do turismo.

E', pois, sob esse pensamento, que voltamos mais uma vez a tratar do assumpto; limitando-nos, todavia, a mostrar hoje o que se faz no estrangeiro — aliás aqui noticiado com claras minudencias.

A Italia, que está absolutamente confiante nos praticos resultados que o turismo ha de fazer reverter para o seu paiz, não cessa de estudar os melhores meios de

propaganda e de a activar no estrangeiro, sem olhar a despezas. Todas as formas praticas de chamar a atenção do Mundo para as suas belezas originaes e artisticas, são utilizadas por essa Nação como um meio seguro de atração do turista.

A França — essa então leva a palma ás outras nações de turismo, certa — como está já — dos proveitosos resultados que lhe hão advir da intensa propaganda a que se está dedicando.

A sua *politica turistica* é talvez baseada nas idéas alemãs de antes da guerra, e resume-se muito simplesmente no seguinte: n'um polvo assente no territorio do seu continente, desenvolvendo os seus multiplos tentaclos por todo o Mundo.

E' assim que, por intermedio da sua Repartição Official de Turismo, existem já postos officiaes d'informação em New-York, em Genève, em Barcelona e em Londres. Todos estes postos subdividem-se em pequenas agencias nas diversas cidades dos respectivos paizes, que, por seu turno, recrutam correspondentes em diferentes outras localidades. E, assim, n'um crescente sem fim, até obter que *tout le mond et son père* lhe façam um especial e continuo reclame.

Para se avaliar da importancia que este serviço tem para a França, basta dizer que a soma inscripta no seu orçamento de 1921 para as despesas com as agencias de propaganda no estrangeiro, ascendeu á bonita cifra de 713.000 francos, o que representa *simplesmente* a quantia de 713.000 escudos, todavia, considerada insignifican-tissima para se desenvolver uma propaganda capaz de concorrer a que è feita pelas

outras nações — segundo as palavras do texto official francez.

Ora, estabeleça-se o paralelo entre o que faz a França e o que se pratica em Portugal, e avalia-se facilmente o esforço que nós empregamos para que os turistas nos visitem. O confronto é esmagador.

...E depois extranhemos que ele nos passem á porta e não entrem.

JOSÉ LISBOA

ANTIGUIDADES

O PATEO DAS DAMAS

QUEM descer do largo da Ajuda para os lados da Boa-Hora, a curta distancia do *Guarda-joias*, encontra um velho pateo, com o typo familiar aos velhos pateos portuguezes do seculo XVIII e ainda hoje vagamente conhecido pelo nome de *Pateo das Damas* — decerto devido ao facto de n'ele se terem instalado, logo a seguir ao consulado pombalino, as aias de D. Maria I e das princezas Carlota Joaquina e Maria Benedita. Pois esse pateo tão celebre, afinal, como o *Pateo do Saldanha*, como o *Pateo das Cozinhos*, como o *Pateo do Chão Salgado*, contém ainda, na sua physionomia vulgar de pardieiro, uma grande lição de historia. Disse, não me lembra quem (creio que Moncrif), que todas as casas tem o seu destino, como todos os homens. Nada mais exacto. N'aquela recanto tristonho e sombrio, que talvez tenha passado despercebido a *tout le monde et son père*, vive hoje gente pobre. O que outr'ora foi um palacio é hoje, quando muito, um casarão feio, sujo, desmantelado, onde nem sequer existe, como em tantos outros, como ás vezes nas proprias ruinas, essa atmospha levemente dourada que envolve e acaricia quasi sempre as coisas velhas. E, entretanto, essa casa teve o seu destino. A's suas portas parou, n'outros tempos, a seje

leveira de Sebastião José; a maior nobreza do reino subiu muita vez, de chapéu na mão, a sua escadaria, hoje desfeita; os velhos reposteiros, que outr'ora ondulavam, solemnes e armoriados, nas salas interiores, afastaram-se muita vez, cortejando as lindas fidalgas de ha dois seculos. Sobretudo Lisboa, Lisboa pombalina, com os seus arcos, com os seus largos, com as suas ruas simetricas, nasceu n'aquela velho pateo em que ninguem repara. Depois do terramoto, quando se pensou em reconstruir a cidade, foi dentro d'aquelas quatro paredes, que o tempo não poupou e que os homens não pouparão decerto, que o Marquez de Pombal traçou, rodeado de architectos, de mestres, de decoradores, a obra grandiosa da reedificação de Lisboa; ali foi reconstituído, traço a traço, pormenor a pormenor, todo esse plano ousado e imminente que fez da cidade velha, da cidade seculo XVIII, cheia de becos, de quelhas, de ruas estreitas, de onde, de janela para janela, se podiam tocar a ponta dos dedos — uma cidade nova, arejada e moderna. Foi no *Pateo das Damas* que, a seguir ao regicidio de Setembro de 1758, se lavrou o decreto de execução dos Távoras, dos Atouguias e dos Alornas, n'uma manhã fria de Janeiro; foi ainda no *Pateo das Damas* que o Conde de Oeiras, cum-

prindo, com pontualidade, com uma frieza britânica de homem de Estado, o seu programa de governo, impoz a expulsão dos jesuitas. Santo Deus! Como esse velho pateo, a desfazer-se á chuva e ao vento, foi theatro dos tres maiores acontecimentos historicos que encheram ao mesmo

tempo de gloria e de fatalidade o consulado do Marquez de Pombal! E' bem certo que todas as casas, por pequenas que sejam, teem o seu destino traçado—destino de gloria, destino de tragedia.

LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES

PORTUGAL PITORESCO

A Serra de Montejunto, ou da Neve

Foi sempre um atractivo turistico a ascensão, em qualquer paiz, a serras ou montanhas que n'ele alteiam os seus dôrsos ou recortes, uns por forma pitorêscas, outros por aspecto bravio. São, até, ellas, motivo para longiquas viagens, como succede ao Monte Branco ou á Jungfrau, na Suissa. Em o nosso paiz não existem alturas que se comparem com os colossos dos Alpes e dos Pyrinéus, os quaes, por sua vez, tambem parecem pequenos em relação ás altitudes dos Andes e do Himalaia—a gigante das montanhas com os seus 8.800 metros. Portugal, porém, cheio de relêvos orográficos, não ultrapassa os 2.000 metros em a Serra da Estrela, pois lhe falta ainda pouco mais de uma dezêna de metros para os atingir; e o formidavel Marão anda por uns 1.300 metros acima do nivel do mar.

Aqui, na ubérrima Estremadura, é que esses relêvos orográficos são pequeninos ao pé das gigantes serras mundiaes; sendo a mais alta, a serra de Montejunto, com os seus 666^m, a cóta exacta da sua altura.

São bastante conhecidas e celebradas na provincia estremêna as serras da Arrábida, com o seu famôso ermitério; e a de Cintra, com o seu edénico parque e palácio da Pena. Assim, determino referir-me aqui, na *Revista de Turismo*, á serra de Montejunto, das trez a mais alta.

A uns setenta kilometros ao norte da capital e servindo de extrema aos dis-

trictos de Lisboa e Leiria, esta serra, que é já tambem, por sua vez, um distanciado prolongamento das serras da Estrela e de Minde, avista-se de grande distancia com o seu aspecto de cetáceo, que viesse dar aqueles sitios, no limite norte do alto concelho de Alemquer.

Vários logarejos se lhe notam no sopé, taes como a pitorêscas e operosa Abrigada, notavel pela fabricação das suas manilhas de grés; Cabânas de Torres, fundada por gente fugida á peste de Torres Vedras; Vila Verde dos Francos, curiosissima com o seu foral mediévico, doado por D. Afonso Henriques a D. Adelard, o chefe dos cruzados francezes, que o ajudaram a tomar Lisboa aos mouros e que ali se estabeleceram; Ota a um lado e Pragânça ao outro extremo, antiquissimas povoações, pois os antropologistas encontraram ali os mais remotos vestigios de rude civilização lusiada; e ainda o Cercal e o Cadaval planturôsos; afóra outros logares dispostos alem da vertente norte do Montejunto.

Ao contrário das suas irmãs, as serras de Cintra e da Arrábida revestidas de frondôsos arvorêdos e de cantantes aguas pelas encostas, na calcária Montejunto podem-se contar as arvores que possui; e a respeito de agua, só a de algum depósito da chuva lá se encontrará. Assim quem a vizita—e muitos ranchos turistas a ascendem todos os anos pelo verão—tem o cuidado de se prevenirem com as vitualhas de an-

temão preparadas, e com os liquidos, incluindo a agua.

— Mas então o que tem que vêr tão inospita serra?! — perguntará o nosso leitor.

— Tem soberbos panorâmas — respondemos nós; o caso é estar dia de ceu limpido, pois que o Montejunto parece ter o condão de atrair sobre si as nuvens e os nevoeiros.

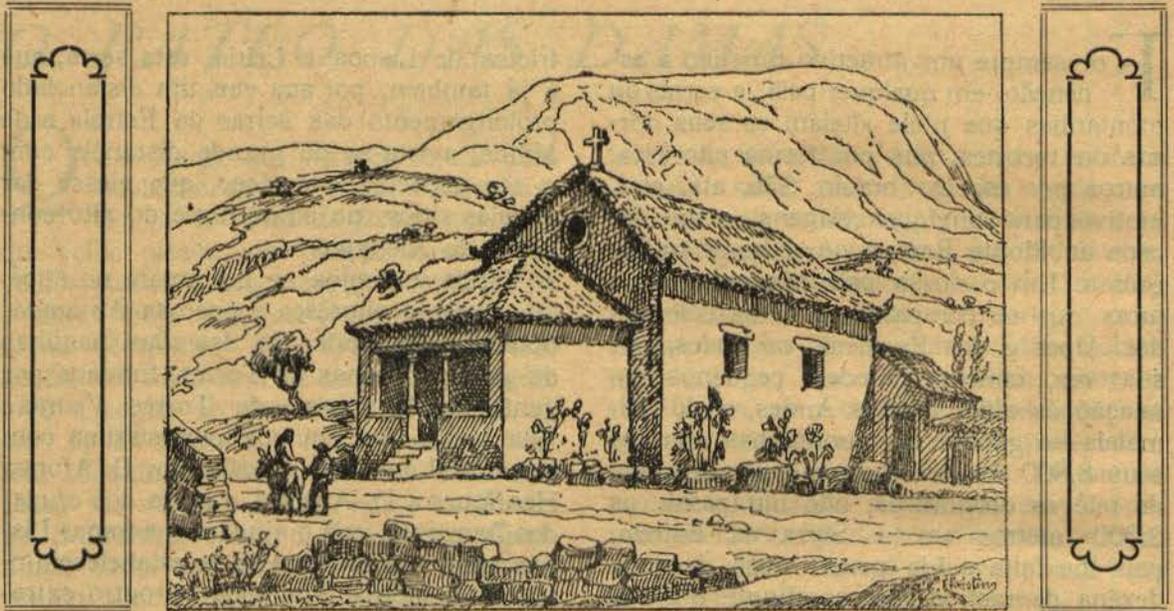
Façamos agora a subida á maior serra da Extremadura portuguesa, baseada em as nossas recordações de visitante.

Para quem fôr seguindo pela Atalaia de Alemquer, depara-se-lhe no sopé da serra

afora a finissima agua nascente; um sitio belo como os frades de antanho sabiam crear para seu regalo.

Depois, é ir caminhando ao longo da Serra Galêga, um prolongamento do Montejunto, só com um terço da altura, visitando o Penêdo dos Ovos, aglomerado de grandes rochêdos cuja disposição e nome se repete por vezes n'outras serras portuguesas, e passando perto de alguns moinhos de vento em que se notam cabças de barro de vários tamanhos, os quaes produzem, com o vento e o girar das velas, fortes sons harmónicos e lamentosos.

E' exactamente proximo ao Moinho do



CAPELA DO ANJO DA GUARDA
Montejunto

Desenho do natural de R. C.

o «Anjo da Guarda», uma capelinha votiva com a sua alpendrada século XVIII, e onde, em geral, os excursionistas encenam os farneis n'um já bem ganho almôço.

Em seguida, n'um carro de bois, em burros, ou a «pedibus calcanti» vá de executar a ascensão á Serra, começando por visitar primeiramente o extinto Convento de Vila Verde dos Francos, um oásis interessante n'aquela altura, com o seu aspecto de pequeno Bussaco, com as suas matinhas, e capelinhas, a arruinada igreja e convento com seu claustro renascença,

Chorão, que a grande subida da serra começa definitivamente, por entre os matos formados de moitas de carrasco e alecrim, e de pedraria grande e pequena, que caustica os pés dos animaes, e ainda mais os dos caminheiros; e assim passadas umas quatro horas de ascensão desde o «Anjo da Guarda» e contornado pelo alto o Vale do Arnal — um formidavel desfiladeiro na direção sul que rasga em parte a serra — atinge-se emfim a capela de Nossa Senhora das Neves, onde em cada dia 5 de Agosto a sua imagem é festejada, em alegre ro-

maria promovida pelos povos vizinhos da grande Serra extremêna.

E' então, n'esta altura, que os panorâmas são deslumbrantes, pois quasi toda a Estrêmadura se avista nos seus montes e planícies, azulando-se tudo ao longe nas a enormes distancias d'ali patenteadas; os limitrofes concelhos de Alemquer, de Torres Vedras e da Lourinhã, e outros, com as côres variadas dos terrenos e das culturas, observam-se d'ali como n'um mapa; nota-se que para o ocidente é a mancha azul do Oceano que limita o horisonte; em quanto que, para a banda oposta, de leste, são as indistinctas planuras alentejanas o extrêmo.

O curiôso é ver, quando a hora do dia se presta, o Tejo desenvolvendo-se como estirada e tenue fita prateada atravez de leguas e leguas pelos longiquos campos ribatejânos fóra. Alguns dos mais entusiastas dos vizitantes ainda se atrevem a ir até ao Marco geodésico, elevado no ponto mais elevado do dôrso da serra; mas o rebarbativo do alongado caminho, cheio de cortantes calhaus, faz fraquejar os mais animosos; porém, uma vez lá chegados, é-se bem pago pelo assombrôso do panorama, que d'ali se torna absolutamente circular, tendo-se a sensação de se estar n'um aeroplano, que pairasse no ar. Então, para o norte, é a longiqua serra de Minde e os areiaes de Pataias que limitam o horisonte; mais para leste, divisam-se, a binóculo, as torres e edificios altos de Santarem e o Ribatejo; para o sul recorta-se a serra de Cintra, e consegue-se enxergar, á vista armada, a igreja do monte da Pêna de França, isto é, um extremo de Lisboa.

Mas é preciso descançar, uma vez saciados os olhos de ver taes perspectivas. E', então, excelente occasião para o grupo alpestre refazer as forças com o succulento farnel, pois a caminhada e o ar fino da serra, que cresta a pele dos rostos, dão bõm apetite; e vá de procurar sombras e abrigos de róchas, cu os muros arruinados de um projectado conventinho penitenciário, que os frades, ha um Século começaram ali, n'aquelas alturas, a elevar.

Mas ha mais que ver na serra além da vista. Saciados os estômagos em alegre janturada, vão todos vizitar, na «quinta de D. Martinho», a grande cisterna da néve, que deu razão ao nome regional da serra — Serra da Neve —; assim o grupo vae descendo por entre rochêdos e matos, por caminho de cabras até ao fundo de um extenso vale, aberto entre duas cumeadas da serra, vindo talvez d'essa disposição geológica, o nome geografico da serra Monte-Junto.

Uma vez todos lá em baixo e passados uns muros de pedra solta, que limitam a propriedade serrâna, não falta por ali algum pastor com seu gado, que vá ensinar o sitio do grande pôço, onde antigamente, antes da produção do gêlo artificial, era no inverno deitada a neve natural, produzida pela agua em tableiros de pedra, identicos aos das marinhas de sal, e gelado pelo frio da noute; para depois nas épocas de verão, ser d'ali retirado e vir para Lisboa, com destino ao Café Martinho, do Rocio, para regalo dos encalmados alfacinhas, que saboreavam o gelo do Montejunto, transformado em bellos sorvêtes e carapinhadas.

Outra curiosidade d'aquella parte da serra é ver, n'esse vale, em volta d'um pequeno lago quasi circular, pelo meio da tarde, os gados — na maioria cabradas — reunirem-se em torno dele, á bebida, trazidos ali pelos pastores dos numerosos logarêjos que ficam em torno do Montejunto, e que se aglomeram por centenaes de cabeças, n'um enorme e curiôso agrupamento pitoresco em volta da agua.

Taes são as curiosidades — além do prazer da caça para os amadôres — que se podem disfructur n'um dia passado n'aquella serra; dia completo, pois entre ida e volta passa-se toda a jornada, entrando mesmo pelo noite dentro, os que tenham que voltar a povoações distantes.

Como atraz dissêmos, a serra Galêga (galêga, no sentido de sáfara, ordinária), é um prolongamento mais baixo do Montejunto, que se estende para o lado de Torres Vedras, ultrapassando mesmo ainda aquella vila, tendo tambem esta excelentes

vistas de terra e mar; e possui, em certo ponto da sua extensão, a curiosidade geológica dos «Algáres de Lapadouços». Ficam estes algáres na vertente, um pouco acima da aldeia de Lapadouços, e foram constituídos pela fractura de uma porção da serra, decerto devida a algum grande terremoto, fazendo com que os grandes blocos se despenhassem uns sobre outros pelo declive; deixando ver aqui, acolá, negras aberturas e interstícios profundos, a que a tradição local dá como não tendo fundo.

O facto é porém notável e impressionante, calculando-se que espantoso esforço subterrâneo seria necessário para produzir semelhante derrocada de rochêdos. Parece que um gigantesco carro despejasse os penê-

dos pela serra abaixo, ficando estes nas mais descontraçadas posições. Conhece-se no alto da serra, o corte das estratificações d'onde eles se deslocaram. Com o andar dos tempos, os matos floridos revestindo toda aquela derrocada, deram-lhe o mais pitoresco aspecto-selvático.

Pelo que singelamente temos exposto, vê o leitor que não faltam atractivos naturaes á maior serra da provincia da Estremadura, embora o seu aspecto externo, visto de longe, pareça inóspito. Por nosso lado temol-a percorrido algumas vezes, achando-lhe sempre apreciaveis atractivos e curiosidades dignas de interesse e que aqui deixamos fixadas.

RIBEIRO CHRISTINO

Uma festa regional na Madeira

O ULTIMO DIA DO ANO

DIAS depois da minha chegada a esta terra sorridente, onde na expressão dolente de um medico francez — *le clima est si beau que la mort, ele même, y devient moins lourde* — dizia-me o director do *Comercio da Madeira* na sua verve nervosa e sugestiva: «o meu amigo vae assistir á festa mais encantadora da Madeira — a passagem do ano.»

E, n'um colorido estonteante de descripção entusiasta, o meu amavel amigo antecipava-me o goso inefavel da *passagem do ano* n'esta linda terra. A' meia noite, desde a praia até aos cumes, a cidade apresentaria—dizia-me—um espectáculo deslumbrante, de uma profusão de luminarias e de fogos de artificio soberbos e scintilantes, surgidos de todas as casas espalhadas pelas verdejantes encostas da cidade. Espectaculo unico no mundo — acrescentava.

Confesso que, apesar d'esta sugestão empolgante, no meu espirito arido, calci-

nado pelo sofrimento, não perpassou um raio da esperanza de vêr coisa que me surprehendesse.

—O quê? O homem que atravez os seus 60 anos gastos a percorrer o mundo á procura do *raio verde*, tinha assistido aos magnificentes e inolvidaveis fogos de vista queimados no Tejo em honra do principe de Galis, mais tarde Eduardo VII; que conhecia o *Palais des Mirages* do museu Grevin, de Paris; que vira, deslumbrado, as fontes luminosas de Versailles; que nas festas de 4 de Jnnho, na America do Norte, desfrutára um grandioso fogo de artificio na monumental ponte de New-York; que na Senegambia, vira aterrado, n'uma noite tempestuosa, o céu em chamas, espectáculo grandioso e terrificante da Natureza em conflagração; este homem, pensava eu, poderia jámais encontrar sensação que o subjugasse com mais força do que aquelas que havia já sentido?

Não acreditava; todavia dispuz-me a

observar a passagem do ano no Funchal.

Chegou o momento. Meia noite, uma salva de morteiros esturgiu no ar; a bordo dos navios ancorados no porto os apitos businavam freneticamente; o anfiteatro do Funchal espargia uma polarisação de luz, fogo, luminarias de variegadas côres, n'uma exuberancia luminosa, feerica, empolgante, grandiosa.

Assistia a uma miragem bela, a uma orquestração de luz, a uma multiplicidade de coloridos de efeitos surprehendentes, que extasia e eleva a alma ás regiões luminosas do belo, do desconhecido, do incognoscivel e do imponderavel.

Era realmente um espectaculo unico, de coloridos cromaticos, de um policromismo avassalador, estonteante, inapreciavel, gravando profundamente no nosso espirito a imagem rutilante de um mundo novo, de uma sensação que faz estremecer todo o ser moral n'uma alegria voluptuosa, enternecedora, mistica, patetica.

Como explicar o que senti n'esse momento delicioso, em que a minha alma ressequida vibrou fortemente e se reanimou n'um lampejo subito de fogo, de luz, de esperanças, de visões phantasticas?

Efeitos da lua? Do colorido do quadro? Não.

Eu vira já as maravilhas pirotecnicas da festa da Agonia, em Viana do Castelo, panoramas luminosos mais deslumbrantes; e como arte, desde o simulacro da batalha de Lepanto, no Tejo, até ás miragens da criação do Mundo, no «Luna Park», de Paris.

Não; a sensação que experimentei era inédita; era um fremito novo que percorria todo o meu sêr psiquico e moral.

—Porquê? E' que a festa, a manifestação do povo madeirense á passagem do ano, é uma consagração, é um hymno, uma aleluia, um cantico ao Creador, uma homenagem mistica á Vida, ao Porvir, á Esperança, radiosa de uma nova felicidade no encadeamento da sucessão dos phenomenos da vida.

Não é a evocação d'um passado; é a invocação d'um futuro prospero, d'uma esperança que, n'uma eclosão florescente,

nos invade o espirito, iluminando a noite escura dos nossos mais reconditos pensamentos, elevando a alma até ao Creador.

Cada luz que bruxulêa além, pelos montes, na casita modesta, ou que fulgura resplendente no palacete do rico, n'uma constelação brilhante, é uma apothose, um preito rendido comovidamente ao advento do novo ano.

Parece que em cada fulguração de luz que além vemos, sentimos o arfar estremeido d'um coração cheio de bondade, n'uma espiritualidade, n'um enleio cheio de fé viva, que só o Christianismo sabe inspirar ás almas crentes.

N'esse momento palpitante da vida psiquica, uma torrente de seiva espiritual arrebatamos e transportamos a um mundo imaterial, cheio de pureza e de melodia, no rythmo harmonioso da vida espiritual.

Se eu fosse um materialista, teria n'esse momento psiquico renegado a theoria mechanica da Vida, porque realmente senti que fóra do meu ser existia uma força independente, que n'ele actuava soberanamente.

Essa força era o *quid* da Vida, era o espirito ou a alma, que talvez no decurso do novo ano, me venha a abandonar para o *Nirvana* final.

Parece que o antevi n'esse momento, e o meu espirito encheu-se de luz, e recolhi-me a casa, mergulhando pouco tempo depois n'um delicioso sonho.

No dia seguinte, n'uma bela oração, o Rev. Conego Jardim, do pulpito da Sé. dizia e repetia na sua voz cadenciada e clara: *N'este Mundo tudo passa, tudo se transforma.*

Nunca esta verdade scientifica proclamada por Lavoisier, echoou com mais intensidade no meu espirito.

LOFF DE VASCONCELOS

(Do «Comercio da Madeira»)

ANTONIO BOTTO

CANÇÕES

BREVEMENTE SEGUNDA EDIÇÃO



CANÇÃO

*Ó meu thesoiro!, por quem
Padece meu coração*

Dolorido!

— Que linda noite ahí vem!...

*A tua carta,
Mil vezes a tenho lido.*

*Nunca me troques por outro,
Nem me enganes, — vida minha!*

Soffro tanto!

*A quem contarei meus males,
Negros males, tristes queixas...,
Se tu me deixas?*

ANTÓNIO BOTTO

CARTAS DE PARIS

De Génève a Berne — Os primeiros con- tactos com a paisagem Suissa — Fribourg — Berne uma cidade alemã, arranjada theatralmente — Lausanne e o seu mo- dernismo — Hoteis fechados — A cidade morta e abandonada — O regresso a Paris

VISTA Génève, um passeio a Lausanne e a Berne estava naturalmente indicado.

O primeiro comboio era ás 6,50 da manhã — hora bem matinal para quem vem de Paris, onde amanhece mais tarde, porque o relógio suíço está ainda augmentado de 60 minutos do francez.

A's 6 horas levantei-me, um tanto contrariado, pois, n'aquella altura, o que me apetecia era ficar na cama, aliás bem fofa e onde estava bem aconchegado. Mas o turismo manda levantar cedo; e, assim, dez minutos antes do comboio partir, já estava de bilhete na mão, contemplando as carruagens de primeira e segunda classes — então vazias — do grande comboio de Berne.

Na Suíssa a vida está caríssima, e os caminhos de ferro elevaram tanto as tarifas, que toda a gente viaja nos comboios em terceira classe, como protesto e como medida de economia.

Era ainda de noite, quando deixamos Génève, e só, nas proximidades de Lausanne, algo conseguimos vêr do lago Lemman e das suas margens, plenas de arvoredo e de casario luxuoso.

Não nos detivemos ali, porque resolvemos seguir até Berne, deixando a visita á bela Lausanne para a volta.

A' subida para Berne, a linha accidenta-se; e é ali que começamos a tomar contacto com as telas suíças, algumas representadas em belos quadros que ornaram as casas de Portugal.

Um dos aspectos poderei descrever assim: Uma casa de largo telhado, com uma chaminé a fumejar, duas vacas retouçando na relva e uma montanha ao lado, erguendo-se quasi até ao Ceu.

As estações teem um ar de frescura, que se conjuga bem com o asseio cuidado. São modestas. O chefe não tem aquele ar marcial que se vê na Alemanha, nem tampouco a corpulencia barriguda do francez; é um homem simples, de boné de galão e de casaco curto.

Sobrio no seus movimentos, apenas deita uns olhos cuidadosos para o comboio, e manda partir.

A meio caminho de Lausanne a Berne, depara-se-nos uma cidade, parecendo acabada de construir; é Fribourg. No largo da estação um carro electrico espera o comboio; mas tanto o comboio como o electrico seguem ao seu destino... sem passageiros.

Berne tem já outro caracter. Dir-se-ha que entrámos n'outro paiz. As ruas, o casario e o aspecto geral dão-nos a idéa d'uma cidade alemã.

Sahidos do comboio, a ilusão torna-se em realidade, porque quasi todas as casas teem letreiros em lingua alemã e as ruas são nomeadas sob disticos da mesma nacionalidade. Pouca gente fala o francez.

A cidade assenta sobre um promontorio quasi uma ilha, que o Aare abraça.

Berne, que tem 120.000 habitantes, divide-se em quatro grandes bairros: o an-

tigo, o moderno e os dois arrabaldes—o de Kirchenfelo (a Leste) e o de Altenberg (a Oeste).

Tudo, porém, fórma um conjunto grandiosamente pitoresco, talvez um pouco theatral, a que os Alpes servem de pano de fundo.

A capital da Confederação Suissa dispõe de belissimos edificios, entre os quaes se destacam o Palacio Federal, o Grande Theatro, a Cathedral (a mais moderna da Suissa, pois foi acabada em 1894) o Munster-Terrasse, etc.

A parte antiga da cidade, a mais curiosa certamente, está cheia de fontes de remota construção; e as ruas, muitas d'elas com arcadas, como nas cidades antigas da Alemanha, tem estabelecimentos seculares, d'um gosto muito primitivo.

Uma pessoa chegada de Génève nota logo ás primeiras impressões... que retrocedeu a alguns seculos, pois as casas de comercio e os mercados na rua assim o atestam.

O bairro moderno, é uma coisa notavel, pelos seus palacios, pelos seus jardins cuidadosamente tratados, talvez mesmo tratados de mais, pois a disposição dos canteiros e das roseiras é de tal ordem que parece que tudo tem qualquer coisa de artificial e por isso deshumano.

No dia seguinte vim para Lausanne, onde a grandiosa estação me deu logo a sensação d'uma cidade modernissima. Era noite e chuvia. Fui para o primeiro hotel que topei, e instalei-me confortavelmente n'um quarto d'onde via o Lago Lemán e o Monte Branco.

A criada, uma quarentona, magra e amarela como um cirio, saudou-me afetosamente ao saber que era portuguez.— Oh! ela conhecia bem Portugal; nunca lá tinha estado; mas a avaliar pela gentileza dos portuguezes que tinha servido, devia sêr um paiz encantador. Tinha estado n'um sanatorio, e bastantes tratára.

Quiz citar nomes, a memoria não a ajudava.

Mas «Monsieur» queria descançar e retirou-se discretamente.

No dia seguinte levantei-me tarde e ao chegar á rua julguei ter cahido n'uma cidade vencida. Apenas no mercado havia umas pessoas a fazer provisões. As ruas, como em Génève, estavam desertas, e nas lojas bocejava-se.

Hoteis fechados, lojas com taipaes, electricos vazios, e tudo envolto n'uma grande tristeza.

Os cafés em Lausanne, são mais discretos do que as egrejas; as portas abrem-se pesadamente.

Transposta, porém, a primeira porta, temos a segunda tambem fechada, como n'um cofre forte.

Entro n'um d'elles para o pequeno almoço. Apenas um velhote a um canto cachimbava, lendo simultaneamente um jornal. A dona da casa, do alto do seu balcão, sauda-me sorridente, quasi com reconhecimento.

Peço café com leite e bolos. Dois francos e vinte e cinco centimos, o mesmo que me custaria em Paris em francos francezes!

Mas Lausanne, apesar de mergulhada na sua grande tristeza, trabalha, progride. Varios bancos estão construindo novas sédes, e a parte central, onde ha pouco se abria um profundo vale, está quasi entulhada, o que vae dar á cidade uma feição ainda mais moderna.

As ruas ali são tratadas com esmero, e os jardins estão cuidados com gosto. Lausanne como Génève, dispõe d'um belo parque que um lausanense patriota lhe legou, e onde no recato, no verão, se gosa de boa sombra.

Mas tudo o que é bom depressa finda, e n'esse mesmo dia, no comboio da noite retirei para Paris; e enquanto ele corria no silencio da noite, eu lamentava essa pobre Suissa, paiz rigidamente neutral que, sem ter feito nada para a guerra, é uma das suas maiores vitimas.

GUERRA MAIO

Paris, Dezembro.

A VILA D'OUREM*Resumo tirado da Galeria Pitoresca*

POR JOSÉ FLORES

(Continuação)

EM volta se lê a inscrição seguinte, gravada em letra gothica :

«Aqui jaz o illustre Principe D. Afonso, Marquez de Valença, Conde de Ourem, primogenito de D. Afonso, Duque de Bragança e Conde de Barcelos e neto d'El-Rei D. João, de Gloriosa memoria, e do Glorioso e grandes virtudes D. Nuno Alvares Pereira, Condestavel de Portugal, que faleceu em vida de seu padre antes de lhe vir a dita herança de que era herdeiro, o qual foi fundador d'esta igreja em que jaz, cuja fama e feitos de hoje este dia florescem. Finouse aos 29 dias d'Agosto do ano do Nascimento de N. S. Jesus Christo de 1460.»

Os francezes, pela invasão, supondo o tumulo recondito de grandes thezouros, arrombaram-no, espalhando pelo lagedo da Capela as cinzas do illustre morto que depois foram recolhidas n'um pequeno cofre pelos conegos Joaquim Honorio Henriques d'Oliveira, Manuel Honorio d'Oliveira e Carlos Joaquim de Sousa, fazendo o primeiro todas as despezas á sua custa.

O cofre tem uma inscrição em latim cuja tradução é :

«N'este tumulo de marmore estiveram intactas as cinzas do fundador d'esta real insigne coligiada D. Afonso Marquez de Valença e Conde de Ourem desde o ano da redempção 1487 em cujo templo foram trasladadas da notavel Vila de Thomar por ordem do fidelissimo Rei de Portugal D. João 2.º até ao ano de 1810, no qual os francezes invadindo roubando este reino não só despojaram e assolaram esta coligiada mas tambem quebraram este tumulo espalharam as cinzas illustres que ele con-

tinha perdendo-se a maior parte d'elas — as poucas que escaparam ás suas mãos foram depositadas em um cofre de madeira dentro d'este mesmo tumulo, reparado por disposição, cuidado, e á custa de Joaquim Honorio Henrique d'Oliveira conego decano d'esta Colegiada no ano do Senhor de 1815 por zelo amor e gratidão.»

D. Afonso, por mercê de seu tio D. Afonso 5.º, foi feito Marquez de Valença do Minho em 11 de Outubro de 1451, afim de ir acompanhar a infanta D. Leonor para casar com Francisco 3.º d'Austria, partindo para ali a 20 do dito mez e ano. Foi o primeiro Marquez que houve em Portugal.

Em 1435, por ordem de D. Duarte, foi como embaixador á Cidade de Bolonha onde obteve do Papa Eugenio IV dispensa para os Cavaleiros das ordens militares poderem casar.

Tambem alcançou que fossem cingidos os reis de Portugal como até ali se praticava, com os mais reinos da christandade. Obteve ainda a bula da Santa Crusada que só principiou a ter uso em 1475, sendo Papa Calixto III. Quando em 1455 foram celebradas cortes em Lisboa, para D. João II se jurar principe herdeiro, foi o Marquez quem teve a honra de conservar na mão a espada do Principe.

Mandado assistir ao Concilio de Bazileia, foi a Jeruzalem visitar os Lugares Santos; e voltando ao reino, D. Afonso V o encarregou do Comando da Armada d'Africa que se aprestou no Porto em 1458. No regresso veiu a Ourem onde residiu algum tempo, até que indo a Thomar ali faleceu a 29 de Agosto de 1460, não chegando a ser duque por morrer em vida seu pae. Foi trasladado para aqui em 8

de Junho de 1487 por seu filho D. Afonso Bispo d'Evora.

Seu sobrinho D. Fernando 2.^o mandou construir esta urna e por morte d'este, El-Rei D. João 2.^o ordenou a conclusão da mesma. Sobre o altar da Capela está uma copia abreviada do quadro da Capela mór.

A colegiada possuia tres orgãos: o primeiro em 1764; o segundo devido a D. Maria 1.^a em 1767 e custou 2:000\$000; e o terceiro, que ainda existe muito avariado, veio do Convento de Mocambo uns 20 anos depois da invasão.

Recolhidas todas as pratas das egrejas á Casa da moeda, por ordem do General Junot, foi vitima d'esse enormissimo saque o famoso relicario que os conegos ainda puderam resgatar por uma grande quantia que lhe foi exigida.

E' de prata dourada e peza 3.550 grammas. N'elles estão guardadas as reliquias seguintes:

Uma aspa de Santo Estevão Papa e Martyr: Um osso de Santa Catharina: Reliquia de São Braz: São Sebastião: São Paulo apostulo: São Martinho: outra não se pode ler: São Barnabé: São Gregorio: São Vicente Martyr: Santo Anastacio: Santa Maria Magdalena: um dente de São Thiago: um osso de Santo André: São Pantaleão: uma pequena reliquia da vestidura de Christo Nosso Senhor. Duas ambulans em que n'uma está do sangue de Nosso Senhor Jesus Christo; na outra, leite de Nossa Senhora.

Foi dada á Colegiada pelo dito Marquez D. Afonso como objecto archiologico. E' muito notavel e de alto valor. Está algum tanto destruido e falta-lhe a cruz que tinha sobre a cupla. O orago da matriz foi Nossa Senhora das Misericordias; hoje é Nossa Senhora da Vizitação.

Proximo da matriz em frente da sua porta lateral, estão as ruinas da igreja da Misericordia juntas ao edificio do hospital, hoje na posse de particulares.

A Misericordia foi fundada por D. Theodosio 1.^o quinto Duque de Bragança, em

28 de Janeiro de 1541, começando as obras de Capela no hospital, que já existia, em 21 de Maio do mesmo ano.

Fica-nos á esquerda a praça publica com o seu pelourinho hastiado, tendo este uma variante nas armas de Ourem: uma aguia de azas estendidas, um crescente e uma estrela; e por baixo a data 1620.

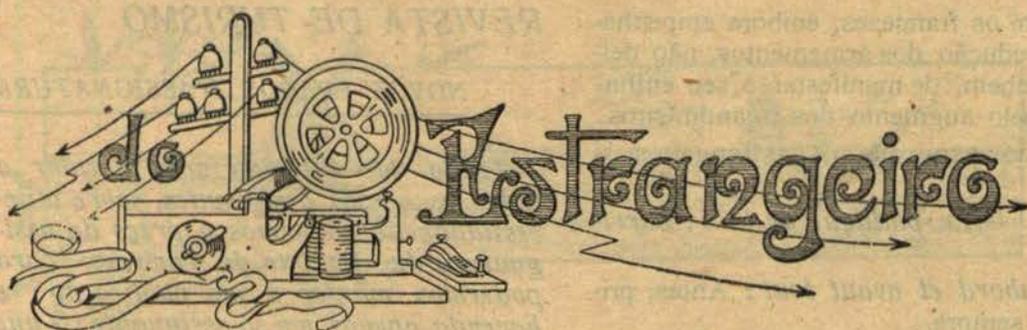
Tambem aqui está o edificio da Delegação da Casa de Bragança, uma transformação dos antigos Paços da Camara que foram votados á demolição mas que a Serenissima Casa, alegando posse por antigos documentos, poude arrancar das mãos dos vandalas.

Retrocedemos, procurando a rua de S. João onde esteve a matriz da freguezia do mesmo nome, e seguindo na direção do sul, chegamos em breve ás portas de Santarem. De igual construção ás das portas da Vila tem por cima do arco as armas de Ourem que são, um Castelo com duas torres, sobre estas cinco escudetes em cruz, tendo cada um as quinas portuguezas; á direita uma estrela, á esquerda um crescente e por cima uma aguia de azas abertas.

O crescente e as estrelas representam aqui a conquista da Vila dos Mouros e a aguia pertencia ao escudo da Rainha D. Mafalda esposa de Afonso Henriques, tendo sido adoptado por sua filha D. Thereza primeira Senhora de Ourem. Dizem alguns escriptores que D. Afonso 3.^o—que aqui teve a sua sorte—mandara juntar a estas armas o Castelo com as duas torres significando a fortaleza, o que se duvida, fundando-se no aspecto da reconstrução geral das fortificações, filha da soberba concentradora do Marquez de Valença.

(Continua)

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.



FRANÇA

ESTÁ provado que a época actual pode ser, sem um facil receio de contestação, cognominada de *reinado da bar-riga*. Afóra os significados politicos que cada um queira tirar d'essa classificação — e com isso nada temos — o facto, para nós, apenas tem um natural significado, e é que os paizes que exploram o turismo, como arma poderosa para a defesa dos seus mais caros e vitaes interesses, dedicam, presentemente, a sua mais cuidada atenção ás questões... do estomago.

Já por diversas vezes nos temos referido aos especiaes cuidados que tem merecido o esmero da arte culinaria, muito principalmente em França, onde se chegou á conclusão de que não bastam apenas os recreios espirituaes, a alegria da alma, o comodo fisico; é necessario tambem atender com não menos especiaes cuidados ao conforto dos estomagos que, após a guerra, se mostram particularmente exigentes.

Assim é que as Revistas francezas da especialidade teem inserido bastos e laudatorios artigos sobre a importantissima questão da alimentação nos hoteis, a que atribuem uma muita directa ação no desenvolvimento do turismo em França.

De facto, sabendo-se que a fantasia é a imperatriz dominadora de toda a vida franceza, exercendo especial influencia na amabilidade e na cosinha — os dois grandes campos d'ação que conseguiram atrahir-lhe todo o Mundo — não é para admirar que, principalmente, agora, n'esta ocasião em que as nações civilisadas põem

á prova todos os possiveis recursos, a França eleve outra vez, ás culminancias do seu throno, essa fascinadora e irresistivel deusa.

Sob esta idéa, a grande nação do galo procura os mais extraordinarios e futeis motivos para, a cada passo, fazer uma condigna consagração á sua divina protectora.

N'este momento, o motivo é mais importante: trata-se de Brillat-Savarin, que foi o maior artista culinario da França e auctor do celebre livro «A Phisiologia do gosto.»

Para uma condigna homenagem á memoria d'esse vulto importante da cosinha franceza, formou-se um Comité, que se arrogou o titulo do grande cosinheiro, o qual se ocupa presentemente em levar á pratica o programa que acaba d'elaborar. O fim principal d'esse programa consiste em fazer uma manifestação extremamente significativa a favor da cozinha franceza, e em que a hospitalidade da França fique, por igual, consagrada como um poderoso atractivo para que esse paiz seja fortemente visitado por estrangeiros.

Esta idéa envolve tambem uma forma de expansão de turismo, pela repercussão que o caso deve ter no extrangeiro.

— Lá diz o dictado: «viver, não custa; saber viver é mais difficil.»

Aproveitando esta ocasião, pensa o *Comité Brillat-Savarin* preparar a instituição de escolas destinadas essencialmente á conservação da arte culinaria franceza.

E assim os francezes, embora empenhados na redução dos armamentos, não deixam, tambem, de manifestar o seu entusiasmo pelo augmento dos mantimentos.

— Tudo para que os estrangeiros lá vão.

— Oh! — *La politique de la... barrière.*

— *D'abord et avant tout*: Antes, primeiro e sempre.



Uma outra questão, menos interessante, é a que se refere ás «gorgetas» nos hotéis, principalmente nos «palaces» e nos de grande luxo.

Levado o assumpto á apreciação publica, a sua discussão tem dado motivo a varios e contrarios alvitres. Emquanto uns entendem que se deve fixar uma percentagem sobre a despeza feita no hotel, a incluir na respectiva conta, substituindo-se assim com vantagem a costumada gorgeta, outros são d'opinião que essa fórmula não é pratica, porquanto tendo o inconveniente de, com o habito, ela vir a incorporar-se na conta, obrigará, depois, a renacer esse uso, novamente justificado para se sahir airoosamente do hotel. E assim pagar-se-hão duas gorgetas: a que será incluída na conta do hotel e a que nos fôr obrigada pelos serviços prestados pelos creados, que será proporcional á extensão da nossa humanitaria vaidade.

E' tal o interesse que esta questão está tomando, que o Touring Club de France, por intermedio da sua Revista, abriu um inquerito, cujos resultados fixarão, sem duvida, o procedimento a seguir.

Achamos bem que isto constitua um assumpto de grandeza a atrahir a atenção publica. Seja, porém, qual fôr a resolução que se tome, o que podemos assegurar é que a gorgeta directa há de sempre existir, ás claras, ou ás escondidas, pela simples razão de que ela é mais proporcional á extensão da vaidade humana do que á recompensa de serviços.

REVISTA DE TURISMO

NOVOS PREÇOS D'ASSIGNATURA

Tendo sido dirigida uma circular a todos os nossos assignantes, sobre a necessidade de elevarmos o preço da assignatura da «Revista de Turismo» para podermos manter a sua publicação; e havendo, apenas, um só assignante (!) que se recusou a aceitar esse augmento, o preço das futuras assignaturas passa a ser:

Portugal—Cont.— semest.	2\$00
Ano.....	4\$00
Colonias—ano.....	7\$50
Extrangeiro—ano.....	10\$00

Numero avulso \$40 (400 réis)

N'este sentido vão ser estabelecidos os recibos da cobrança relativa ao presente semestre, que será brevemente feita por intermedio do correio; esperando que o seu pagamento seja feito pelos nossos estimaveis assignantes logo que o respectivo recibo seja apresentado para esse fim.



EXCURSÃO DE TURISMO

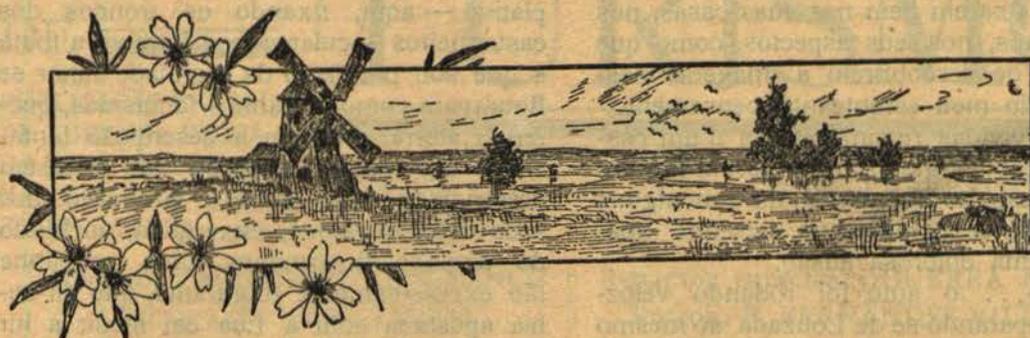
As bem conhecidas Agencias de Turismo, Clarck, de New-York, e Raymond Withcomb, de Boston, Estados Unidos da America, organizaram tres grandes excursões á Europa.

O numero de «tourists», a maior parte americanos, será aproximadamente de 2.500.

Para estas excursões foram escolhidos os melhores navios e de maior tonelagem, os quaes podem ser utilizados como hotéis durante o tempo da excursão.

No itinerario estão incluídas paragens nos Açores, Madeira e Lisboa, onde deverão chegar nos fins do proximo mez de Fevereiro.

Em Lisboa demorar-se-hão 2 ou 3 dias, durante os quaes serão feitas excursões aos arredores da cidade, proporcionando assim a visita aos monumentos nacionaes e aos pontos mais pittorescos e interessantes.



CARTAS DE LONGE

CHRÔNICAS D'UM TURISTA SENTIMENTAL

MEU «NARCISO»

GOSTEI do endereço da minha última carta; por isso, ele é a testa d'esta. «Narciso» é um qualificativo que te fica bem.

Se ele fosse conhecido em França no tempo dos Goncourt, certamente esses históricos personagens teriam, então, sido assim distinguidos.

De resto, os taes Goncourt — que eu não conheci, mas que — segundo contava minha avó — eram o que nós (com este muito nosso costume de usarmos estrangeirismos) chamamos *gentlemen* — mesmo que tivessem sido, no seu tempo, uns gentis homens, foram-n'o tão sómente nos dias que fulguraram em França. Hoje seria difícil que eles atingissem, sequer, o limite mínimo da requintada elegancia dos rapazes portuguezes que, todavia, se perde a distancia, desvanecida pelo brilho que se emana da tua excelsa figura de legitimo árbitro da elegancia, de imperador da delicadeza e de... sol fulgurante no reino dos leões dominadores da infancia e ateradores dos papás.

— *Homy soit qui mal y pense.*

Posto isto, vou continuar no desenvolvimento das impressões que me deixou a visita á Lavandeira.

Fiquei, na última carta, na ocasião em que o meu espirito, em divagações sobre-excitantes, reconstituia os pensamentos do

passado em paralelo com o que, então, se lhe tinha figurado.

A necessidade de regressarmos, reunimos outra vez dentro do famoso «Packard» que nos havia de deleitar ainda, com a maviosidade da sua marcha, por uma outra linda estrada que nos levou a Louzada.

E' este um nome que eu não posso pronunciar sem uma grande comoção. «Louzada».

Era d'ali o meu primeiro amôr. O meu primeiro e unico — porque nenhum ha na vida que se eguale ao primeiro.

Por isso estremei ao entrar em Louzada — n'essa povoação tão casta, tão doce em seu ar tepido, tão inocente na sua original candura!

Lá, n'esse alto, onde uma ermidinha serve de guia ao viandante — quem sabe se, n'ela, essa rainha santa dos meus pensamentos recebeu o sagrado baptismo! — eu senti, uma vez ainda, reviver em toda a sua pujança a minha infancia alada — essa aura feliz que caracterizou uma parte da minha ida mocidade!

Ficava-me ali prezo, esgueirar-me-hia pelas quinas do Tédio, da Apathia e, talvez, até, da semi-loucura, se a tua voz potente não me tirasse d'esse espasmo, durante o qual só pronunciei, mentalmente, um nome indissolúvelmente ligado ás minhas mais vividas memorias: *Maria Izabel.*

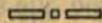
Deixámos Louzada — não sem os meus

olhos se fixarem bem nas suas casas, nos seus muros, nos seus aspectos, como que anciosos de descobrirem a imagem esquecida do meu estonteante pensamento.

Estas vividas reminiscencias d'um passado já tão longiquo, conturbaram-me um pouco o espirito que, ainda, durante alguns momentos, se manteve no espasmo apathico d'uma dolorosa ilusão.

Depois... o auto foi rodando velozmente, separando-se de Louzada, ao mesmo tempo que o espirito dos nossos companheiros se ia chegando ao meu. Os aspectos voltaram de novo a atrahir-me; e eu, cahindo novamente no rude positivismo da vida, alarguei o olhar para os panoramas, verdadeiramente empolgantes, que a Natureza, como que n'um requinte de luxuriante vaidade, ia oferecendo á nossa contemplação.

Assim viemos dar a Penafiel, e dentro em pouco, rolavamos pela encantadora estrada que, passando pela Aveleda, dá acesso á Lavandeira.



Era tarde quando ahi chegámos, por isso, pouco depois saboreavamos, por entre a maciesa do ambiente da tua pequena mata, o succulento banquete que a boa Madame tinha mandado preparar para regalo do nosso estomago.

Estava, então, um luar lindo. Era o luar d'Agosto (que, segundo o vulgo, «nos dá pelo rosto»); e o parque da Lavandeira figurava-se como phantasmagorica téla.

Ahi passámos um delicioso serão. E enquanto te absorvias na interessante conversa que o Conde de Pangim e seu filho Roberto mantinham com geral aprazimento dos teus outros convidados, eu delectava-me na apreciação d'esse pequeno mundo em que então me encontrava, tão dominado pelos prazeres espirituaes que estava gozando, que me julgava muito longe, a grande distancia, mesmo, do imperio da materialidade em que estupidamente vegetamos.

Extraordinarias foram as sensações que então senti. Olhando em derredor, a minha vista quedava-se em extasis contem-

plativo — aqui, fixando os troncos dos castanheiros seculares que formam a mata e que sob o reflexo da claridade lunar se figuravam como extranhos fantasmas, querendo aterrar-me com a descripção fantasiada dos lances tragicos que tivessem presenciado; por entre o labirinto dos seus cahidos ramos, enxergava, no fundo do azulado firmamento, uma estrelinha tão excessivamente fulgurante, que dir-se-hia apostada com a Lua em medir a intensidade do brilho da sua luz. E todo o vale que ficava sob a sua mystica iluminação se pronunciava n'um relevo de inexcidível beleza.

Olhei para a direita, e o teu solar, em authentico estilo Pombalino, trouxe-me á mente todo um quadro da vida de repouso depois das fatigantes exigencias da sociedade; d'essa vida de patriarchal socego gozado egoistamente no isolamento; d'essa vida sã, casta e pura, que só se pode apreciar fóra do circulo vicioso dos postigos, e em contacto com as verdadeiras manifestações da Natureza.

Perpassava-me, então, pelo espirito a idéa da felicidade que ahi se deve saborear quando se consiga dar plena satisfação aos sentidos!

Fui despertado d'essa imaterialidade em que me achava vivendo, tão absorvido nas mil e umas evocações que acorreram ao meu espirito.

Senti a necessidade de descançar. O dia agitado que me tinhas proporcionado sobre uma jornada de Lisboa a Paredes, levava o meu corpo a exigir-me descanço.

Recolhi então aos aposentos que me tinhas preparado; e dentro em pouco, Morfeu transportava-me no seu carro d'oiro puchado por brancas pombas, para a Região do Mysticismo, onde passei um esquecido Consulado.

La suite au prochain numéro.

Teu jardineiro
MARIO DE MONT'ALVÃO

De Longe — Janeiro 9XXII.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL—
Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27—(Antigo Largo d'Abegoria)